

Exma Comissão de Trabalho e Segurança Social,
Exma Comissão de Saúde,

Exmos Senhores Deputados,

Sou médica interna de formação específica em Medicina Geral e Familiar, e gostaria de expressar o meu parecer favorável relativamente à criação da Ordem dos Fisioterapeutas.

Exerço há pouco mais de três anos, sou uma jovem no Sistema Nacional de Saúde. Para muitos terei pouca experiência. Para outros, terei a ingenuidade própria de quem ainda quer acreditar no melhor que todos nós, profissionais de saúde, somos capazes de proporcionar ao que deveria ser o nosso maior, senão único propósito: o doente – enquanto indivíduo, na sua família, na sua comunidade, na nossa sociedade.

1. Lamento que alguns dos meus colegas médicos vejam nesta iniciativa uma ameaça direta ao exercício das suas funções. Assim como lamento quando os fisioterapeutas caem na tentação de lhes dar uma resposta, uma vez que a criação da Ordem se prende com um assunto bem diferente: a regulação desta profissão. Este conflito direto, sobretudo entre fisiatras e fisioterapeutas, ao qual tenho assistido nos últimos anos, parece-me imaturo. Fisiatras e fisioterapeutas têm áreas de intervenção comum, mas é óbvio que não se substituem, mutuamente. Ambos têm responsabilidade, ambos participam no diagnóstico, sim, e é suposto que cada um acrescente, numa perspetiva construtiva, porque é para isso que lá estão. No dia-a-dia era importante que se promovesse o diálogo, a partilha, e o trabalho em equipa, organizado, sem egos feridos. Penso que este ambiente está ausente em muitos hospitais, e em última instância, perdem-se recursos e perde-se saúde. Quem tem efetivamente valor, quem reconhece a diferença que faz no processo de reabilitação, não se irá sentir ameaçado, muito menos terá a presunção de que não necessitará em qualquer circunstância da colaboração de outro profissional de saúde – e isto é válido para ambas as partes.

2. Trabalho nos cuidados de saúde primários, faço parte do primeiro contacto dos indivíduos com o sistema nacional de saúde. Estou numa posição privilegiada para poder dar voz aos testemunhos que me chegam diariamente, pessoas que acreditaram estar ao cuidado de um profissional devidamente qualificado, informado, à luz da melhor evidência científica disponível, pessoas essas que acabam por descobrir a verdade da pior maneira, à custa da sua saúde. A literacia em saúde no nosso país ainda está muito aquém do desejável. Os médicos são responsáveis pelo esclarecimento, pela educação, pela capacitação e pela responsabilização dos doentes, nas suas escolhas. Mas é certo que os médicos também têm o dever de proteger esses mesmos doentes do exercício ilegal e da prestação de cuidados por pessoas sem formação. Esta é a verdadeira ameaça. Muitos são os doentes que procuraram por iniciativa própria estes “cuidados de fisioterapia” e vêm à minha consulta depois de perceber que foram enganados, por manterem sintomas e atrasarem o processo de reabilitação, por terem pago por isso, ou mais lamentavelmente, por ter havido efetivamente lesão objetivável com a manipulação indevida. O meu sentimento de impotência aumenta quando nas

minhas próprias referências, usadas em clínicas convencionadas, teoricamente mais confiáveis, os doentes têm um fim muito semelhante. Aí são eles próprios a reconhecer que “as últimas sessões foram feitas pelos auxiliares, porque são muitos doentes na sala para um só fisioterapeuta, doutora”. A revolta chega quando, ao fim de uns meses na medicina geral e familiar, percebo facilmente que os relatórios que vêm de determinadas clínicas são, invariavelmente, “apresenta resposta favorável, mas necessita manter tratamento”. Tratamento *ad aeternum*? Fará sentido eu alertar os meus doentes para “procurarem uma clínica onde tenham a certeza que são fisioterapeutas a realizar os tratamentos”? Os próprios doentes já desvalorizam a importância e os potenciais benefícios da reabilitação.

Perante isto, com pouco mais de três anos de exercício de medicina, é claro para mim que os utentes não estão a beneficiar dos melhores cuidados de fisioterapia. É claro para mim que se estão a gastar recursos sem obter ganhos em saúde. É claro o conflito de interesses.

Penso que a criação da Ordem dos Fisioterapeutas, com todas as suas especificidades, não será uma ameaça mas sim uma oportunidade. É preciso que o Estado salvaguarde a segurança e a qualidade dos cuidados de saúde, bem como a sustentabilidade do SNS. Acredito também que os jovens médicos, como eu, e os jovens fisioterapeutas, possam lutar em conjunto para esta melhoria, e talvez para o estabelecimento de relações interprofissionais mais harmoniosas, com confiança, para se privilegiar a competência de todos.

Luciana Costa,
Médica, Cédula OM: 57846
18 de março de 2018.